

Os irmãos e o desenvolvimento da linguagem de sujeitos deficientes mentais

*Maria Inês Bacellar Monteiro**

*Maria Fernanda Bagarollo***

Introdução

Nas interações sociais, a criança vai construindo as bases para agir sobre o mundo. É na e com a família que a criança adquire a linguagem e, com ela, os valores socioculturais, já que a família constitui o grupo social com o qual a criança inicia suas primeiras experiências de partilha. A linguagem da criança é influenciada pela família, assim como a criança, através de sua própria linguagem, influencia a maneira como os pais e os irmãos se relacionam com ela.

Isso acontece porque a família é o primeiro grupo social em que a criança é inserida, sendo com a família que ela vai estabelecer as primeiras relações sociais, nas quais vai adquirir a linguagem e desenvolver as funções mentais superiores (atenção dirigida, memória lógica, pensamento abstrato e linguagem racional), conforme aponta Vygotsky (1984).

Vygotsky (1984 e 1987), de modo semelhante a Bakhtin (1995 e 1997) e Vion (1992), atribui à linguagem, veiculada nas interações sociais, um papel fundamental na constituição do sujeito. De acordo com esses autores, é imprescindível direcionarmos nosso olhar para o desenvolvimento como processo que se estabelece nas relações sociais. A partir do uso que o sujeito faz da linguagem e das relações que estabelece com o meio, as funções mentais elementares, que nascem com o sujeito, transformam-se em funções mentais superiores, conferindo ao sujeito um estatuto de humano. Todas as funções especificamente humanas são constituídas na vida social, por meio da lingua-

gem em sua dimensão histórico-cultural. A criança vai se desenvolvendo nas relações com as pessoas do seu grupo social, havendo sempre um caráter de evolução e involução no desenvolvimento que, portanto, não é linear e cuja transformação abarca o *novo* a partir do anteriormente constituído. As funções mentais superiores vão sendo constituídas ao mesmo tempo em que vão constituindo o sujeito na relação sócio-histórica.

Ao contrário de entender o desenvolvimento do sujeito como socialmente constituído, a deficiência mental, normalmente, é concebida como uma alteração predominantemente biológica, que leva o sujeito à incapacidade para realizar diversas atividades. Segundo Diamant (1996, p. 780), a deficiência mental é definida como:

Todos os graus de defeito mental devidos ou que levam a um desenvolvimento mental insuficiente, dando como resultante que o indivíduo é incapaz de competir, em termos de igualdade, com os companheiros normais, ou é incapaz de cuidar de si mesmo ou dos seus negócios com prudência normal.

O modo de conceber a deficiência a partir dos limites e incapacidades do sujeito muda quando adotamos o pressuposto de Vygotsky (1984), de que o desenvolvimento decorre do aprendizado, e esses dois processos se desenvolvem numa relação de interdependência, ao longo do crescimento da criança, e esta, em contato com os pares de seu convívio social, faz, em primeiro lugar, com o outro o que posteriormente fará sozinha. Esse modo de entender a relação entre os processos de apren-

* Doutora em Psicologia pela USP; professora do curso de Fonoaudiologia da Unimep. ** Fonoaudióloga pela Unimep; mestranda da Faculdade de Educação da Unimep.

dizagem e desenvolvimento indica ser imprescindível voltarmos os esforços para as potencialidades dos sujeitos em desenvolvimento. Nesse sentido, os fatores biológicos passam a não serem determinantes, e a mediação pelo signo (a palavra) passa a ser fundamental no processo de desenvolvimento Vygotsky (1989), sobrepondo-se às condições biológicas do sujeito, que são passíveis de transformação através do acesso aos bens culturais a que ele está exposto.

Visto desse modo, as famílias e os profissionais que atuam com os sujeitos deficientes têm um papel fundamental na constituição desses como pessoas e cidadãos, além de interferirem na construção das concepções reinantes na cultura da qual fazem parte.

A maioria dos estudos com famílias volta-se para os pais, desconsiderando, muitas vezes, as outras pessoas da família, como os irmãos. O trabalho com irmãos é importante, pois estes, junto com seus pais, formam o primeiro grupo social em que ocorrerá o desenvolvimento da criança. Ademais, a convivência com irmãos permite um relacionamento contínuo, longitudinal, que exerce influência significativa no desenvolvimento de cada um. Os irmãos fornecem oportunidades para que experiências sejam compartilhadas e para que ocorra desenvolvimento e aprendizagem. Segundo Powell e Ogle, “os irmãos são agentes de socialização e fornecem à criança o primeiro e provavelmente o mais intenso relacionamento entre iguais” (1992, p. 39). Para esses autores, existe “algo de especial em crescer numa família em que um irmão ou uma irmã tem uma deficiência” (ibid., p. 27).

As pessoas da família formam um grupo e este pode promover o desenvolvimento lingüístico das crianças e das pessoas com deficiência, uma vez que, conforme apontado por Panhoca (2001, p. 22),

(...) o grupo é um rico contexto sócio-lingüístico que ajuda a criança a adquirir ações socioculturais e linguagem, já que nele a criança está embebida em ações mediadas cujos agentes usam recursos culturais e veiculam grande diversidade de experiências e conhecimentos.

Segundo Monteiro e Torezan (1997), as famílias que possuem um membro com alguma deficiência enfrentam dificuldades adicionais às comumente enfrentadas por todas as famílias. Frequentemente, a deficiência requer modificações na rotina

familiar, requer respostas diferentes para o grupo social, requer um maior envolvimento com profissionais de várias especialidades e um ensino diferenciado, o que, por sua vez, exige recursos financeiros adicionais. Além disso, a deficiência gera diferentes sentimentos nos membros familiares que interferirão nas relações, não só destes com a pessoa deficiente, mas de todos os membros entre si.

A forma como a família significa a deficiência e a maneira como enfrenta as dificuldades encontradas interferem no modo de se relacionar, podendo estabelecer interações favoráveis ou não para o desenvolvimento desses sujeitos.

Vários estudos (Beckman e Pokorni, 1988; Harris e McHale, 1989; Beckman, 1991; Dyson, 1991) têm apontado para uma forte relação entre estresse familiar (principalmente da mãe) e os cuidados que a criança deficiente requer. Tais estudos demonstram a necessidade de os profissionais da área estarem preparados para lidar com o estresse e estarem atentos aos efeitos e riscos de se atribuir tarefas adicionais aos pais.

Na clínica fonoaudiológica, identifica-se cada vez mais a necessidade de um trabalho voltado para as famílias das crianças ou jovens deficientes mentais que apresentam alterações de linguagem. O envolvimento da família no processo terapêutico pode contribuir significativamente para o desenvolvimento da linguagem do paciente e constituição do mesmo como sujeito pertencente a um grupo social.

Baseado nas considerações acima, este estudo foi desenvolvido com o objetivo de “entender como os irmãos significam a linguagem de seus irmãos deficientes e como essas concepções podem interferir no processo de desenvolvimento da linguagem dos irmãos deficientes”.

Materiais e métodos

O estudo aqui apresentado refere-se à análise de episódios de duas reuniões com o primeiro grupo de irmãos e episódios de uma reunião com o segundo grupo de irmãos, que participavam de encontros quinzenais, realizados em uma clínica-escola de Fonoaudiologia.

O primeiro grupo foi constituído por quatro crianças com faixa etária entre 5 e 12 anos. O segundo, por cinco jovens com faixa etária entre 13 e 25 anos.

As reuniões foram gravadas, o que possibilitou uma análise minuciosa das interlocuções entre os participantes e dos sentimentos expressos no decorrer dos encontros.

Para a coleta de dados, adotou-se uma postura naturalista observacional, que foi seguida por uma análise qualitativa. Essa forma de análise caracteriza-se pela obtenção de dados descritivos que são coletados no contato do pesquisador com os sujeitos pesquisados. Além disso, consideramos aqui mais o processo do que o produto e nos preocupamos em retratar a perspectiva dos participantes, conforme descrito por Lüdke e André (1986), que utilizaram os procedimentos do estudo de Bogdan e Biklen (1982).

Selecionamos, para este estudo, episódios de três reuniões em que os irmãos manifestavam suas concepções sobre a linguagem dos irmãos deficientes e falavam sobre algumas de suas experiências entre irmãos.

Pautando-nos em Bakhtin (1995, 1997) e Vion (1992), procuramos examinar como se desenvolveram as argumentações de cada participante ao longo das interlocuções analisadas. De que modo os vários discursos dos diferentes membros da reunião refletem suas posições (lugares) sociais e em que medida essa diferença pode influenciar nos sentidos que eles atribuem à linguagem de seus irmãos deficientes e como entendemos, a partir de nossos pressupostos teóricos, que esses sentidos podem interferir nos processos de desenvolvimento de linguagem dos mesmos.

Resultados e discussão

Analisaremos, a seguir, alguns episódios das reuniões do grupo de crianças em que os participantes conversavam sobre como avaliam a linguagem de seus irmãos.

Grupo de crianças

Episódio 1 – reunião do grupo de irmãos, ocorrida em 17/10/01

Kátia, 8 anos, irmã gêmea de Katarina, uma menina com deficiência mental severa, albinismo e comprometimentos motores.

Débora, 12 anos, irmã de Daniel, um jovem de 20 anos, com microcefalia e deficiência mental severa.

Fernanda, pesquisadora

Nesse episódio, Kátia e Débora falam do desenvolvimento da linguagem dos irmãos e do interesse que elas têm por esse assunto. O episódio é iniciado quando Débora comenta que em um outro local de atendimento (equioterapia) ela não pode entrar junto com o irmão, Daniel, justificando que, se ela o acompanhar, ele não vai prestar atenção. A partir desse tema, são desenvolvidas as interlocuções da reunião.

1. Débora (irmã): – *Só que não pode entrar lá na equioterapia, nem aqui porque senão ele não se desenvolve, né. Eles não prestam atenção*
2. Kátia (irmã): – *É, então aí ela gosta de ir lá, quando ela chega não quer sair mais, ela gosta assim que ela vai, vai no Cead.*
3. Kátia (irmã, referindo-se ao atendimento na clínica de fonoaudiologia): – *Ela entra, ela quer entrar mais rápido, a Daniela [terapeuta da clínica] pegou ela, mas ela foi bem rápido, aí ela queria andar sozinha, solta, mas bem rápido, aí quando vai sair ela não quer mais.*
4. Fernanda (pesquisadora): – *Que bom que ela gosta! E vocês gostariam de ficar junto aqui? Na Eqüo, a Débora vai junto. É lá em Rio das Pedras, Cead que ela vai?*
5. Kátia (irmã): – *Cead.*
6. Fernanda (pesquisadora): – *Vocês gostariam de ficar junto aqui?*
7. Kátia (irmã): – *Hum, hum* (faz movimento afirmativo de cabeça).
8. Fernanda (pesquisadora): – *É? Por que vocês queriam ficar junto?*
9. Kátia (irmã): – *Eu queria ver como que ela fica, se ela se desenvolve, se ela fala, se ela fala que nem em casa. Porque em casa ela fica, ela fala bastante. Eu peço, quando eu venho da escola, às vezes, e brinco com ela assim... eu pego, eu falo “Fala alguma coisa que eu te dou” aí ela fala, ela fala que nem é o..., fala “Mamãe”, que eu peguei alguma coisas dela, sabe. Hoje de manhã cedo quando tava trocando de roupa ela deu um grito, sabe, a minha mãe pôs ela no sofá e ela deu um grito “mamãe”, é [Kátia sorriu].*
10. Fernanda (pesquisadora): – *aí você ficou feliz?*
11. Kátia (irmã): – *É* (responde sorrindo).
12. Fernanda (pesquisadora): – *Você vai ensinar ela falar teu nome?*



13. Kátia (irmã): – *Vou, ela falava “i”, eu acho que era mamãe, agora ela fala “mamãiiii”*
14. Fernanda (pesquisadora): – *Ah que legal isso, né?*
15. Fernanda (pesquisadora, dirigindo-se para Débora): – *E ele sabe falar o teu nome, o Daniel?*
16. Débora (irmã): [Faz movimento afirmativo com a cabeça e sorri].
17. Fernanda (pesquisadora): – *Ele sabe. Você queria ficar junto com ele também?*
18. Débora (irmã): [Faz movimento afirmativo com a cabeça].
19. Fernanda (pesquisadora): – *Com ele, por que você acha que é legal ficar junto?*
20. Débora (irmã): – *Ah porque eu queria ver como que é.*
21. Fernanda (pesquisadora): – *Curiosa? Ah fica curiosa? Ah... mas então não pode, às vezes não pode, no atendimento eles ficam sozinhos, porque senão não prestam atenção, entendeu*

Episódio 2 – reunião do grupo de irmão ocorrida em 28/11/01

Kátia, 8 anos, irmã gêmea de Katarina, uma menina com deficiência mental severa, albinismo e comprometimentos motores.

Fernanda, pesquisadora.

Nesse episódio, participaram Kátia e Fernanda, pois Débora chegou atrasada. Nesse momento as participantes conversam sobre as expectativas sobre a fala da irmã de Kátia.

1. Kátia (irmã): – *Aí, meu pai trancou na frente dela, a porta da frente. Ela foi andando até a porta, da mesa. Aqui é a porta, aqui é a mesa, porque aqui é a mesa aqui é a porta, foi andando sozinha, soltinha, atrás do meu pai.*
2. Fernanda (pesquisadora): – *Que bom, tá evoluindo muito, tá muito.*
3. Kátia (irmã): – *Tá falando papai ainda, chamando papai.*
4. Fernanda (pesquisadora): – *Que mais que ela fala?*
5. Kátia (irmã): – *Aí, banana, fala “banana” (imitando como a irmã fala).*
6. Fernanda (pesquisadora): – *É ce ensina ela falar?*
7. Kátia (irmã): – *Ensino.*
8. Fernanda (pesquisadora): – *Cê fica ensinando?*
9. Kátia (irmã): – *Aí ela dá risada quando eu ensino, ela sabe que eu quero que ela aprenda, ela dá risada.*
10. Fernanda (pesquisadora): – *É?*

11. Kátia (irmã): – *Mas irmão, eu acho que ela é mais apegada comigo.*
12. Fernanda (pesquisadora): – *Com você? Por que você acha que ela é mais apegada com você? Por que você é gêmea? Por que o seu irmão é menino? Por que ele é menor?*
13. Kátia (irmã): – *É, é porque eu dou mais atenção pra ela, sabe por que, porque meu irmão ele é assim é menino, e ele, ele, ele pega, quando a minha irmã tá só ela, ele fala “solta, solta, solta”. “Calma Juninho” (irmão de Kátia e Katarina), deixa ela que vem, tem vez que eu fico até brava, falo assim: “deixa a menina, vou deixar ela fazer o que ela quiser com você, você não respeita a menina”. Fala “respeito sim”. Porque às vezes ele vai, ela dá risada, e às vezes eu acho que ela não é tão apegada comigo, apegada com nós dois, mas às vezes é mais comigo...*
14. Fernanda (pesquisadora): – *Mais com você?*
15. Kátia (irmã): – *Porque ele não dá tanta atenção*

Podemos observar, no primeiro episódio apresentado, a curiosidade e o desejo que as irmãs expressam de conhecer e de participar das sessões de terapia fonoaudiológica.

Kátia fala sobre seu interesse pelo desenvolvimento da irmã no turno 9: *“Eu queria ver como que ela fica, se ela se desenvolve, se ela fala, se ela fala que nem em casa. Porque em casa ela fica, ela fala bastante(...)”*. Neste exemplo, é possível observar a vontade que ela tem de mostrar aos outros o desenvolvimento satisfatório da irmã, conforme mostra este trecho: *“(...) se ela fala, se ela fala que nem em casa. Porque em casa ela fica, ela fala bastante (...)”*.

Débora demonstra também desejo em saber o que a terapeuta faz com o irmão, afirmando, no turno 20, que é apenas uma curiosidade: *“Ah porque eu queria ver como que é”*.

Ainda no primeiro episódio, ao final do turno 9, o discurso de Kátia revela sua felicidade com o progresso de Katarina:

Eu peço, quando eu venho da escola às vezes e brinco com ela assim... eu pego, eu falo “fala alguma coisa que eu te dou” aí ela fala, ela fala que nem é o..., fala “mamãe”, que eu peguei alguma coisa dela sabe. Hoje de manhã cedo quando tava trocando de roupa ela deu um grito sabe, a minha mãe pôs ela no sofá e ela deu um grito “mamãe”, é” (Kátia sorriu).



Quando ela fala “é”, a última palavra do turno, ela sorri como se o que ela acabou de contar representasse uma vitória das muitas que ela pretende que a irmã tenha. O mesmo orgulho do desenvolvimento da irmã aparece no turno 13, quando ela descreve a evolução na fala de Katarina, revelando indícios de que inicialmente interpretava as vocalizações de Katarina, o que é fundamental para o desenvolvimento da linguagem, conforme apontado por Vygotsky (1987).

Na resposta de Débora, no turno 16, quando ela sorri, percebe-se a importância que ela dá ao fato de seu irmão saber falar o nome dela, de reconhecê-la. Essa pode ser uma forma de ele demonstrar o carinho que sente por ela, e, nesse momento, ela expressa o que sente por ele.

No início do segundo episódio, Kátia disse que ensina Katarina a fazer coisas, e que ela ri porque sabe que ela quer que aprenda. Essa afirmação indica mais uma vez que Kátia considera sua irmã como um sujeito capaz de entender e de participar da linguagem.

No turno 13, Kátia diz que dos irmãos é a mais apegada à Katarina. Ela avalia que isso ocorre porque o irmão é menino e porque ela dá mais atenção a ela. Já no meio desse mesmo turno, ela parece insegura disso, demonstrando que às vezes ela não tem certeza de que sua irmã gosta mais dela. Observe “(...) Porque às vezes ele vai, ela dá risada, e às vezes eu acho que ela não é tão apegada comigo (...)”.

É possível estabelecer uma comparação entre as duas formas de ver a linguagem (sob as perspectivas da Kátia e da Débora). Kátia se mostra muito interessada e confiante no desenvolvimento da irmã, valorizando cada progresso. Essa forma de pensar parece estar influenciando a interação entre elas, pois, conforme apontado por Kátia, o relacionamento delas é bom. Elas brincam, realizam atividades da rotina diária juntas, etc. Se entendermos, conforme destacado por Vygotsky (1984), que o desenvolvimento mental ocorre nas interações sociais que o sujeito estabelece, podemos concluir que Katarina está estabelecendo interações mais positivas, favorecendo o desenvolvimento da irmã.

Por sua vez, Débora pareceu menos envolvida com o desenvolvimento do irmão, pois ela não revelou detalhes de sua interação com Daniel, apesar de ficar contente (sorriu ao responder) com o fato de Daniel falar seu nome, o que revela uma expectativa menos positiva com relação às manifestações linguísticas do irmão.

Débora se mostra curiosa para entrar na sessão fonoaudiológica, mas não parece tão integrada quanto Kátia com o desenvolvimento do irmão.

Grupo de jovens

Episódio 1 – reunião do grupo de irmão ocorrida em 03/10/01.

Marta, (17 anos) irmã de Milena, uma adolescente com deficiência mental severa.

Ana (19 anos), irmã de Evandro, um garoto com deficiência mental moderada.

Fernanda, pesquisadora

Nesse episódio, Marta expressa sua opinião sobre a linguagem da irmã.

1. Fernanda (pesquisadora): – (...) *a gente pode estar falando de fala, ele fala, a Milena fala?*
2. Marta (irmã): – *Fala, como assim?*
3. Fernanda (pesquisadora): – *Conversa?*
4. Marta (irmã): – *É, ela tem uma certa dificuldade, ela fala assim, é quem convive mesmo fala que eu sou a tradutora espontânea dela, por que assim quando ela fala alguma coisa assim que é grego, mas eu entendo, eu sei o que ela quer dizer, se for mais ou menos é mais pra menos assim, agora tá melhorando bastante, falando palavras mais associáveis assim.*
5. Fernanda (pesquisadora): – *E ele?*
6. Ana (irmã): – *O Evandro parece uma matraca (risos.)*
7. Fernanda (pesquisadora): – *Fala sem parar.*
8. Ana (irmã): – *Ele fala sozinho, fala com, se ele tiver brincando com um carrinho, não sei que lá parece uma criança, o carrinho parece que é a criança que ele tá brincando, porque ele fala, ele conversa, beija, abraça, Larissa, tio, vai pega, Larissa titio vai dá isso, fala tudo, fora os palavrões, né.*

Episódio 2 – reunião do grupo de irmãos ocorrida em 03/10/01

Ana (19 anos), irmã de Evandro, um garoto de 14 anos, com deficiência mental moderada.

Fátima (23 anos) irmã de Fabiano, um moço de 25 anos, autista.

Fernanda, pesquisadora.

Ana conta à pesquisadora sobre uma situação vivida com o irmão, na rotina diária.

1. Ana (irmã): – *E os palavrão, a gente vinha no ônibus daí sentou uns dois moço de gravata, aí o Evandro fico, né, mãe fome, fome mãe, que fome, quer dizer fome, né, tá com fome.*
2. Fernanda (pesquisadora): – *Hum, hum.*
3. Ana (irmã): – *Aí a minha mãe: “cala boca menino, fica quieto”, e ele “cala a boca você”, aí os moços viro e falo assim: “ai se fosse meu filho eu tinha lascado uma na cara dele” assim, né. Aí a minha mãe, né, subiu os nervo nela, e ela pegô e falô bem assim “é, peça a Deus que você não, não tenha um filho que o meu, ele é doente, ele não entende por mais que você fala, e se bater é pior, porque se bater aí que ele vai armar o escândalo, ele vai xingar, nome feio, aí ela explicou pra ele, aí ele falo assim”, “Ah, então tá explicado, então me desculpe porque a gente não se dá, com gente assim, é a primeira vez que eu vejo moleque mandar a mãe cala a boca”. Eu sei que, mas tem que ter compreensão também, né?*
4. Fernanda (pesquisadora): – *Com certeza.*
5. Ana (irmã): – *Uma vez eu vinha num ônibus com ele, e ele “chupa” dele, é quer dizer desculpa né, por mais que a gente fala, Evandro é desculpa, né, ele fala “chupa”, aí ele falo pra um velhinho né, chegou perto do velhinho e falo: “chupa”, né, se adivinha o que o homem foi pensar também. Aí o homem, o velhinho falô bem assim “esse moleque é doente?” e eu falei, se você não percebeu, ele é sim, ele tem as dificuldades dele de fala tudo, a gente leva na escola tudo, a porque ele falô: “chupa pra mim significa o quê?”. Então a gente que já convive com ele, quer dizer desculpa, aí eu expliquei pro moço tudo. Vieram aquele amarelinhos, porque eu acabei xingando o velho também, aí eu explique pra eles, né, porque o moço entendeu mal, o moleque, porque a gente que tem um, um irmão doente tem que saber compreender, né.*
6. Fernanda (pesquisadora): – *É lógico.*
7. Ana (irmã): – *E a gente entende o que o Evandro fala, antigamente ele não falava bem falando assim, agora a gente entende bastante coisa, só que quem convive com ele mais sou eu, do que a minha mãe, ele vive mais em casa do que...*
8. Fernanda (pesquisadora): – *E o Fábio, ele tem mais dificuldade pra fala?*
9. Fátima (irmã): – *Nossa, muita, ainda, ele fala “MAMAMA”, que dizer, quem nem ela falo, a gente que tem um irmão, que convive, então sabe*

mais ou menos o que ele quer dizer com isso, né, mais nada assim, o que a gente sabe mais, quando ele quer comida, você pergunta você quer mais?, Então ele, pega a panela, ou o que tiver, né, pra colocar no prato, agora se ele não quer, ele faz, “AAAAAAA”, agora, se você tá bebendo alguma coisa e ele quer, Fábio, ele faz assim com a mão (faz gesto com as mãos), mas fala, pouco, é raríssimo quando ele fala alguma coisa que dá pra entender, o que ele fala mais é mamãe e papai só.

No primeiro episódio, no turno 4, Marta mostra com seu comentário que a relação dela com Milena é muito intensa, sendo ela a *tradutora espontânea* da irmã. Ela faz referência à linguagem da irmã, caracterizando-a como difícil de compreender, mas Marta parece ser uma importante interlocutora, uma vez que ela tenta compreender o que a irmã diz. Considerando a linguagem como uma atividade que se constrói na relação social, essa postura de Marta é de extrema importância para o desenvolvimento da linguagem de Milena.

Ana, no turno 6, avalia negativamente a fala do irmão, dizendo que ele fala como “*uma matraca*”. No turno 8, ela continua a considerar a fala do Evandro inadequada, principalmente quando ela encerra dizendo “*fora os palavrões, né*”. Essa avaliação revela a percepção de uma dificuldade do irmão, desconsiderando aquilo que ele fala como uma possibilidade de interação e uso da linguagem, o que, por sua vez, pode constituir um obstáculo para o desenvolvimento da linguagem de Evandro.

No segundo episódio, turnos 3 e 5, Ana narra duas histórias acontecidas com Evandro. Nessas histórias, podemos observar a concepção que a mãe transmite para ela, sobre as dificuldades do irmão. Segundo Ana a mãe diz: “*(...) peça a Deus que você não, não tenha um filho que o meu, ele é doente (...)*”. Ainda nesses turnos, Ana mostra que internalizou os dizeres da mãe, quando relata o seguinte fato: “*Aí, o homem, o velhinho falô bem assim: – ‘Esse moleque é doente?’ e eu falei: – ‘Se você não percebeu, ele é sim’*”. Vemos aqui que a concepção da deficiência que os irmãos têm é construída a partir de concepções da família e do grupo social em que vivem. Se essa visão é negativa, provavelmente as relações que irão se estabelecer carregarão esses valores sociais.

No grupo de jovens, é possível fazer considerações semelhantes àquelas para o grupo de crian-

ças, uma vez que os dados mostram duas formas de pensar a linguagem dos irmãos. No caso de Marta, ela ocupa o lugar de uma pessoa que ajuda Milena a significar sua linguagem oral, podendo ser uma forma rica de desenvolver a linguagem. No caso de Ana, ela considera o irmão doente e, portanto, incapaz de desenvolver a linguagem efetivamente, o que pode levar ao estabelecimento de relações pouco favoráveis para o desenvolvimento.

Considerações finais

Este estudo possibilitou um maior conhecimento da forma como os irmãos significam a linguagem dos seus irmãos deficientes, além de favorecer a reflexão de como uma concepção do irmão pode interferir no relacionamento, dificultando ou facilitando o desenvolvimento da linguagem.

Pudemos perceber que entre o grupo de crianças e de jovens não foram observadas diferenças na forma de pensar que pudessem ser características da faixa etária, mas sim variações, provavelmente, próprias da bagagem cultural recebida da família. Por exemplo, Débora, do grupo de crianças, e Ana, do grupo de jovens, revelam em seus discursos menos expectativas com relação ao desenvolvimento de linguagem de seus irmãos. Essa postura pode resultar em relações pouco ricas para o desenvolvimento da linguagem.

Kátia e Marta revelam em suas falas que acreditam na capacidade de suas irmãs, estabelecendo, com elas, relações mais “saudáveis”, que poderão colaborar para a constituição das irmãs, como sujeitos.

Este estudo demonstrou a importância de um trabalho com famílias, incluindo os irmãos no processo terapêutico-fonoaudiológico. Discutir em grupo as concepções sobre as características de seus irmãos deficientes cria a possibilidade de reconstrução dos sentidos dos discursos, proporcionada pelas interlocuções no grupo de irmãos. Isso pode contribuir para as transformações dos sujeitos e, desta maneira, construir relacionamentos mais favoráveis ao desenvolvimento da linguagem, reafirmando assim, as considerações de Vion (1992) que destaca a importância das ressignificações nas interlocuções observadas nas trocas dialógicas.

Referências

- Bakhtin M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec; 1995.
- Bakhtin M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes; 1997.
- Beckman PJ. Comparison of mother's and father's perceptions of the effect of young children with and without disabilities. *Am J Mental Retard* 1991;95(5):585-95.
- Beckman PJ, Pokorni JC. A longitudinal study of families of preterm infants: changes in stress and support over the first two years. *J Spec Educ* 1988;22:55-65.
- Bogdan R, Biklen SK.. *Qualitative research for education*. Boston: Allyn and Bacon; 1982.
- Diament A.. Deficiência mental. In: Diament A, Cypel S. *Neurologia infantil*. São Paulo: Atheneu; 1996. 780.
- Dyson LL. Families of young children with handicaps: parents stress and family functioning. *Am J Mental Retard* 1991;95(6):623-29.
- Harris VS, Mchale SM. Family life problems, daily caregiving activities and psychological well-being of mother of mentally retarded children. *Am J Mental Retard* 1989;94:231-39.
- Panhoca I. O grupo terapêutico-fonoaudiológico e sua articulação com a perspectiva histórico-cultural. In: Lacerda CBF, Panhoca I, organizadoras. *Tempo de fonoaudiologia III*. São Paulo: Cabral; 2001.
- Lüdke M, André MED. *Pesquisas em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU; 1986.
- Monteiro MIB, Torezan A. Família e deficiência mental: as mães diante do julgamento alheio. In: *Anais da XXXVII Reunião Anual de Psicologia de Ribeirão Preto*; 1997; Ribeirão Preto (SP). Ribeirão Preto (SP): Sociedade Brasileira de Psicologia; 1997. pags do cap.
- Powell TH, Ongle P. Irmãos especiais: técnicas de orientação e apoio para o relacionamento com o deficiente. [trad. LE Passalacqua]. São Paulo: Maltese-Norma; 1992. p.37-53.
- Vygotsky LS. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes; 1984.
- Vygotsky LS. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes; 1987.
- Vygotsky LS. *Fundamentos da defectologia. Obras completas*. Playa, Ciudad de La Habana: Pueblo y Educacion; 1989. t.5
- Vion R. *La communication verbale: analyse des interactions*. Paris: Hachette; 1992.